

## **Os conceitos de velhice e envelhecimento ao longo do tempo: contradição ou adaptação?**

**RESUMO:** O presente artigo analisou o surgimento e a construção dos conceitos de velhice e envelhecimento, abordando as diversas definições, da antiguidade até a contemporaneidade. Buscou-se, ainda, evidenciar as diferenças entre estes conceitos, visto que eles se articulam e apresentam suas particularidades. Desta forma, o estudo teve como objetivo demonstrar as diversas definições que caracterizam o processo de envelhecimento, assim como a “velhice”, utilizando-as para compreender este processo em relação aos aspectos cronológicos, biológicos, psicológicos e sociais. Utilizou-se uma revisão bibliográfica em publicações, teses, dissertações e artigos sobre os conceitos “velhice” e “envelhecimento”, com datas de 1959 a 2017. Verificou-se que não existe um consenso, nem na definição do limite inicial da velhice, nem na compreensão dos conceitos, apresentando-se em muitas vezes contraditórios.

**PALAVRAS-CHAVE:** Envelhecimento populacional; Velhice; Idosos.

## **The concepts of old age and aging over time: contradiction or adaptation?**

**ABSTRACT:** The present study analyzed the emergence and construction of the concepts of old age and aging, addressing the different definitions, from antiquity to contemporaneity. It was also sought to highlight the differences between these concepts, since they articulate and present their particularities. In this way, the study aimed to demonstrate the different definitions that characterize the aging process, as well as "old age", using them to understand this process in relation to chronological, biological, psychological and social aspects. A bibliographical review was used in publications, theses, dissertations and articles on the concepts "old age" and "aging", from 1970 to 2017. It was verified that there is no consensus, nor in the definition of the initial limit of old age, nor in the understanding of the concepts, and they are often contradictory.

**KEYWORDS:** Population-ageing; Old age; Seniors.

Cassia Figueiredo Rossi Dardengo<sup>1</sup>  
Simone Caldas Tavares Mafra<sup>2</sup>

<sup>1</sup> Engenheira Civil pela Universidade Federal de Viçosa. Mestre em Engenharia da Construção pela Universidade Federal de Viçosa. Doutoranda em Economia Doméstica - Programa de Pós-Graduação em Economia Doméstica - PPGED. Área de concentração: Família e Sociedade. Endereço eletrônico: cassia.dardengo@ufv.br

<sup>2</sup> Universidade Federal de Viçosa – UFV. Endereço eletrônico: sctmafra@ufv.br

## INTRODUÇÃO

Sabe-se que uma das maiores conquistas da humanidade foi o aumento dos anos de vida, além de uma melhoria na saúde da população idosa, mesmo que essas conquistas não estejam nem mesmo próximas do ideal. Chegar à velhice, que antigamente era privilégio de poucas pessoas, hoje é comum, mesmo em países subdesenvolvidos. Porém, esta conquista se transformou em um dos grandes desafios para o século XXI.

Conforme Leone; Maia e Baltar (2010), observa-se que a demografia brasileira sofreu alterações que tiveram início nos anos de 1970, com a migração das famílias da zona rural para a zona urbana, acarretando transformações no estilo de vida da população, com a queda na mortalidade infantil e uma diminuição do número de pessoas nas famílias. Com a queda da natalidade, têm início as modificações na estrutura etária da população brasileira. Nesse cenário, a demografia brasileira sofreu diversas mudanças nas últimas décadas, especialmente quanto à inversão da pirâmide etária, com os idosos em maior número.

Segundo Renato Veras (2007):

“O Brasil é um jovem país de cabelos brancos. Todo ano, 650 mil novos idosos são incorporados a população brasileira, a maior parte com doenças crônicas e alguns com limitações funcionais. Em menos de 40 anos, passamos de um cenário de mortalidade próprio de uma população jovem para um quadro de enfermidades complexas e onerosas, típicas da terceira idade, caracterizado por doenças crônicas e múltiplas, que perduram por anos com exigência de cuidados constantes, medicação contínua e exames periódicos. O número de idosos passou 3 milhões em 1960, para 7 milhões, em 1975, e de 17 milhões em 2006- um aumento de 600% em menos de cinquenta anos.” (VERAS, 2007, p. 2464)

O envelhecimento populacional é um fenômeno que acontece em ritmo acelerado em todos os países do mundo. Segundo dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), atualmente no Brasil há mais de 26 milhões de pessoas idosas - cerca de 13,7% da população total, com idade acima de 60 anos. Conforme estimativas, os idosos farão parte de um grupo maior que o de crianças com até 14 anos, em 2030. E, em 2055, estima-se que o número de idosos será maior que o de crianças e jovens com até 29 anos. Observa-se que, em 2025, serão 64 milhões de velhos e, em 2050, um em cada três brasileiros será idoso,

representando aproximadamente 29,7% da população. Esta nova configuração demográfica promoveu um novo olhar sobre o envelhecimento e a velhice, modificando as relações deste extrato populacional.

Há alguns séculos, a “velhice” era vinculada à pobreza, à inatividade, à quietude. Somente a partir da década de 1960 novas imagens são integralizadas e associadas ao processo de envelhecimento, quais sejam, a saúde, atividade, aprendizagem e satisfação pessoal, perpassando as duas dimensões: Uma considerada como sucessão de perdas e outra que assume a vida como um estágio de observação e equilíbrio (SIMÕES, 1998).

De tal modo, em virtude das várias mudanças relacionadas às transformações destes conceitos, faz-se necessário a compreensão dos diversos significados que podem interferir no processo de reconhecimento do envelhecimento, tal como as várias definições do termo “velhice”. Para tanto, procurou-se traçar o percurso histórico dos conceitos de velhice, assim como os fatos que as originaram e que suportaram sua definição.

Os procedimentos metodológicos se apoiaram na pesquisa bibliográfica de natureza descritiva. Buscou-se publicações, teses, dissertações e artigos sobre os conceitos de “velhice” e “envelhecimento” nas bases de dados da *Scientific Library* on-line (SciELO) e da literatura Latino-Americana e do Caribe em Ciências da Saúde (LILACS); no período de 1959 a 2017, o que totalizou 89 produções. Esta escolha deveu-se ao fato de que no ano 1959 ocorreu a primeira publicação sobre o tema “velhice”, utilizando-se os seguintes descritores: “velhice”, “envelhecimento”, “conceituações de velhice e envelhecimento”.

Dessa forma, o texto será dividido em seis subitens: o contexto histórico da velhice, envelhecimento e velhice: suas conceituações, velhice, envelhecimento, velhice: construção do conceito e considerações finais

## **O CONTEXTO HISTÓRICO DA VELHICE**

Conforme a Organização Mundial de Saúde - OMS (2005, p. 8), “o envelhecimento da população é um dos maiores triunfos da humanidade”. Também de acordo com Veras e Caldas (2004, p. 424):

“O século XX se caracterizou por profundas e radicais transformações, destacando-se o aumento do tempo de vida da população como o fato mais significativo no âmbito da saúde pública mundial. Uma das maiores conquistas da humanidade foi à extensão do tempo de vida”. (VERAS e CALDAS. 2004, p. 424)

Poucos séculos se passaram até que a população atingisse um bilhão de pessoas, o que ocorreu em 1830. A partir daí o termo “velho” mudou inúmeras vezes, variando conforme o tempo histórico e social. Segundo Beauvoir (1990) os velhos não possuíam uma categoria própria, sendo incluídos na categoria dos adultos.

Ao se analisar a história, verifica-se que em algumas sociedades antigas, os velhos eram valorizados, em virtude de sua experiência, auxiliando os mais jovens em suas atividades diárias, transmitindo seus conhecimentos adquiridos no transcorrer da vida. Já na Grécia, o envelhecimento era visto conforme a classe social. Se pertencentes à elite, detinham o poder político, econômico e cultural, sendo reconhecidos como sábios, diferentemente daqueles pertencentes às classes sociais inferiores, que representavam a invalidez, a doença e a morte (HORN, 2013).

Beauvoir (1990) destaca a história da velhice em algumas sociedades, sobretudo na China antiga e no Japão, que privilegiavam seus velhos. Os velhos chineses instituíram um poder centralizado e autoritário. Segundo Beauvoir (1990, p. 112) “Confúcio modelou à imagem da coletividade o microcosmo que deu a esta como base a família. Toda a casa devia obediência ao homem mais idoso”. Acredita-se que a pessoa idosa era vista como sendo possuidor de um certo poder sobrenatural, devido à sua longa vida, ocupando um lugar de destaque, associando sabedoria e experiência.

Na Antiguidade, verifica-se que alguns consideravam a velhice como causadora de conflito de gerações. Beauvoir (1990, p. 122) afirmava que a ideia de honra estava relacionada à da velhice. Para a mesma autora, a velhice era integrada à sabedoria, tendo a longevidade lhe conferido experiência e autoridade.

Segundo Beauvoir (1990, p. 136) Aristóteles ressaltava que:

“É preciso que o corpo permaneça intacto para que a velhice seja feliz: uma bela velhice é aquela que tem a lentidão da idade, mas sem deficiências. Ela depende ao

mesmo tempo das vantagens corporais que se poderia ter, e também do acaso. O declínio do corpo acarreta o do indivíduo inteiro”. (BEAUVOIR .1990, p. 136)

Conforme destacado por Lemos et al. (2015) verifica-se, no passado, que os Babilônios, Hebreus e os Gregos davam grande importância aos problemas inerentes à velhice, e pesquisavam formas de se impedir o processo de envelhecimento. Para os Babilônios a imortalidade era um ideal a ser conquistado. Os gregos desprezavam seus velhos e os colocavam em serviços subalternos e humilhantes, enaltecendo a beleza e a juventude. Apenas o filósofo grego Platão possuía uma visão onde a velhice estaria ligada a sabedoria, prudência, sensatez e astúcia. Os Hebreus se destacavam pela importância dada a seus velhos, que eram vistos como os chefes naturais. Na cultura hebraica destaca-se “Matusalém” que, segundo as escrituras, teria vivido 969 anos. Para eles, uma vida longa era vista como uma bênção. Na sociedade romana os velhos detinham uma posição privilegiada. Eles possuíam a autoridade de *“pater familias”*, ou “pais de famílias”. Porém, esta autoridade provocava a ira das gerações mais novas.

Segundo Souza et al. (2007) com a queda do Império Romano os velhos perderam seus privilégios na sociedade, tornando-se vítimas dos mais jovens. Ainda conforme Souza et al. (2007) os Incas e Aztecas tratavam seus velhos com muito respeito e consideração. O cuidado para com eles era visto como de responsabilidade pública.

De acordo com Busse e Blazer (1992), verifica-se no Antigo Testamento, que as pessoas viviam até idades muito longevas, como por exemplo, os 10 patriarcas que viveram antes do dilúvio: Enoc (365 anos), Lamec (777 anos), Malaleel (895 anos), Enos (905 anos), Cainan (910 anos), Set (912 anos), Adão (930 anos), Noé (950 anos), Jared (962 anos) e Matusalém (969 anos). Esses registros de longevidade aparecem no Antigo Testamento. Porém, de modo geral, o Cristianismo revelou uma visão negativa da velhice. Os escritores cristãos associavam a velhice à doença, decrepitude e pecado.

De acordo com Ferrigno (1991) os idosos pertencentes às tribos nômades, em virtude dos habituais deslocamentos em busca de alimentos eram frequentemente abandonados pelo caminho, assim como aqueles pertencentes às tribos guerreiras. Verificou-se que, também, nas sociedades agrícolas, a existência de abundância de alimentos não era condição para a

proteção e valorização dos velhos. Levava-se em conta a capacidade deles em produzir e gerar riquezas.

Percebe-se, também, que durante muitos séculos, a velhice foi vista como doença, talvez por ter sido, conforme registros históricos, estudada por pessoas ligadas a área médica, como por exemplo Galeno, que no século II escreveu sobre as funções fisiológicas dos idosos. Durante os séculos posteriores, a velhice foi pouco estudada. Aristóteles e Leonardo Da Vinci realizaram alguns estudos, porém todos eles consideravam a velhice como doença (BORGES, 2007).

Lemos et al. (2015) destacou que no Século VI tinha-se a visão da velhice como uma época de interrupção dos trabalhos, surgindo, então, a ideia da criação dos asilos para idosos carentes. Na Idade Média - época das grandes batalhas, os velhos eram obrigados a realizar trabalhos humilhantes e degradantes, como forma de sobrevivência. Segundo Bertoldo (2010, p. 18), também nos Séculos XII, XIII, XIV e XV, a velhice era associada ao declínio do corpo, considerada como uma fase de doenças físicas e mentais. “Tanto entre os nobres, quanto entre os camponeses, a força física prevalecia: os fracos não tinham lugar (BEAUVOIR, 1990, p. 162). ” Também segundo Beauvoir (1990, p. 162), durante os séculos XIII e XVII, surgiram várias publicações sobre o processo de envelhecimento, em vários países da Europa, como a França, Alemanha, Itália, Rússia e Áustria, os quais aconteciam sempre voltados aos estudos da área médica.

Ainda segundo Lemos et al. (2015) observou-se que, entre os séculos XIV e XV, houve uma grande epidemia de peste negra e cólera, que deixou milhares de mortos entre os mais jovens, deixando uma população envelhecida. Este fato facilitou o surgimento de uma maior valorização dos mais velhos aumentando, porém, o conflito entre as gerações, que havia diminuído no final do Império Romano.

Segundo Almeida (2005), no período Renascentista, em torno do século XVI, surgiram estudos nos quais a velhice era descrita como sendo um período de conquistas. Alguns trabalhos científicos sobre o envelhecimento humano, que tem como seus autores Bacon (1963) e Descartes (1996), acreditavam ser apenas o desenvolvimento de métodos científicos eficazes para ‘vencer’ as transformações da velhice. Bacon (1963) defendia a ideia

de que um espírito jovem inserido em um corpo velho faria regredir a evolução da natureza. Já Erasmo de Roterdã, via a velhice como “uma carga e a morte como necessária”. Segundo ele, a loucura era o único remédio contra a velhice. Nos séculos XVI e XVII tem-se um período de maior observação do processo de envelhecimento, onde acreditava-se poder se encontrar as causas da velhice através de análises dos sintomas. Tem-se, a partir daí, com o advento da revolução industrial, o surgimento de alguns estudos comparando o corpo humano à máquinas, por isso sujeito a desgastes.

Attias-Donfut (1991, p. 85) destacou que alguns historiadores situam o século XVIII como “o nascimento do envelhescente”, reconhecendo a velhice como uma idade digna. Já no início do século XIX, a velhice não era vista com bons olhos, sendo os velhos considerados como mendigos, em virtude da dificuldade de se conseguir trabalho. Dessa forma, a velhice era associada à incapacidade de produzir. Conforme Peixoto (1998), na França “era denominado velho (*vieux*) ou velhote (*veillard*) aquele indivíduo que não desfrutava de *status* social – muito embora o termo velhote também fosse utilizado para designar o velho que tinha sua imagem definida como ‘bom cidadão’”.

Debert (1999) destacou que a elite dominante da época via os velhos com total indiferença, ignorando-os completamente, mas a partir da segunda metade do século XIX, o número de velhos aumentou substancialmente e a sociedade não podia mais ignorá-los, passando a desvalorizá-los. Surge, então, a noção ambivalente da velhice. Ainda segundo Debert (1999, p. 14), é “esse movimento que marca as sociedades modernas, onde, a partir da segunda metade do século XIX a velhice é tratada como uma etapa da vida caracterizada pela decadência física e ausência de papéis sociais”. No entanto, com as mudanças no modo de produção capitalista, onde o principal objetivo é o lucro, através da exploração da força de trabalho ocorreu uma desvalorização social dos idosos.

Verificou-se, conforme citado por Silva (2008), que a noção de velhice como etapa da vida surgiu no período de transição entre os séculos XIX e XX. Algumas mudanças modificaram o curso da vida, propiciando o surgimento do conceito de velhice como se conhece hoje. Dois fatores foram fundamentais: a formação de novas disciplinas médicas que estudam o corpo envelhecido e a criação das pensões e aposentadorias. Gradativamente, a

velhice passa a ser vista como um estado fisiológico específico, com características específicas que se reúnem sob o signo da “senescência”. A partir do surgimento da medicina moderna, observa-se a análise da velhice e do envelhecimento como problemas clínicos pertencentes a um processo contínuo, onde a morte passa a ser vista como resultado de doenças inerentes à velhice.

Rezende (2008) destacou que nas primeiras décadas do Século XX, os aspectos relacionados à velhice tiveram destaque, principalmente pelos seus aspectos negativos, à medida que se exaltava a força física e a capacidade para o trabalho, que se constituíam como requisitos essenciais à sua sobrevivência. Desse modo, a Revolução Industrial colaborou para a quebra dos papéis assumidos pelos idosos, transformando a configuração da sociedade e da família, alterando as relações familiares.

Ainda conforme Rezende (2008), nos idos de 1930, a velhice adquire um maior significado, sendo vista sob a ótica social, demandante de assistência e atendimento das necessidades essenciais. Porém, a partir dos anos 1960, percebeu-se uma mudança na forma de se ver a velhice, em virtude das aposentadorias e pensões, através da adoção de uma nova política social.

Segundo Groisman (1999), ao se estabelecer a velhice como categoria social, marcada pela decadência física e pela invalidez, assim como pelos novos direitos adquiridos, seguiu-se um período no qual a sua importância social cresceu significativamente. Groisman (1999) e Debert (1999) destacaram as décadas de 1960 e 1970 como um dos períodos mais marcantes para a construção do significado social da velhice, quando ela adquire uma visibilidade social.

Verificou-se, então, que a temática do envelhecimento e da longevidade humana existia desde a mais remota história, tendo seu enfoque na busca da eterna juventude. E nas últimas décadas, teve maior destaque devido ao aumento do número de idosos em todo mundo, e por se tornarem objeto de estudo na comunidade acadêmica. Desta maneira, a velhice e o processo de envelhecimento nas culturas primitivas demonstram que existiam várias formas de se pensar e viver a velhice, não havendo formas pré-definidas, mas um conjunto de situações particulares, considerando-se as especificidades de cada cultura.

## ENVELHECIMENTO E VELHICE: SUAS CONCEITUAÇÕES

### VELHICE

O surgimento da categoria “etária” está relacionada ao processo de organização da sociedade que teve início durante a época moderna. De acordo com Hareven (1995), até o início do Século XIX fatores demográficos, sociais e culturais combinavam-se de modo que nas sociedades pré-industriais não existissem separações por idade. Somente a partir do século XIX é que surgiram diferenciações entre as faixas etárias, funções, hábitos e espaços relacionados a cada grupo. A segmentação do curso da vida em estágios formais, com transições bem definidas e separações entre os vários grupos etários se inicia. De tal forma, o reconhecimento da velhice como uma etapa da vida se tornou parte de um processo histórico, separando as idades conforme o tempo cronológico.

Philippe Ariès (1981) identificou, a partir de sua publicação sobre a “*História Social da Criança e da Família*”, o surgimento da categoria “infância”. Esse trabalho é considerado um marco no campo dos estudos sobre o envelhecimento, visto ser um dos mais difundidos exemplos de estudo histórico sobre a construção social de uma etapa da vida. Segundo Ariès (1981), a identificação da infância como período separado da idade adulta, deriva de transformações na família, e sedimenta o conceito de velhice como categoria social.

A velhice foi caracterizada a partir da segunda metade do século XIX como uma etapa da vida assinalada pela decadência e pela ausência de papéis sociais (DEBERT, 1999). O envelhecimento foi inicialmente observado através de estudos biológicos e fisiológicos, sendo associado à deterioração do corpo. Conforme Uchôa et al. (2002), apenas na contemporaneidade esse olhar sobre a velhice como um fato biológico perde força e a velhice e o envelhecimento passaram a constituir objetos de estudo da antropologia.

Debert (1998) reconheceu que velhice não é uma “categoria natural”. Segundo esta autora, a fragmentação da vida em etapas não era favorecida por alguns motivos, como a falta de uma idade específica para começar a trabalhar ou diferentes idades entre crianças da mesma família. A fragmentação do curso da vida passa a existir a partir das diferenças entre as

idades e com a atribuição de funções e hábitos específicos para cada grupo. Assim “a velhice é reconhecida como uma etapa isolada das outras, como resultado do processo de novas fases da vida e da separação das idades nos espaços públicos e privados” (DEBERT, 1998).

Desse modo, a velhice apresenta à humanidade uma etapa representativa da decadência, declinação e que antecede a morte. A palavra velhice é carregada de significados como inquietude, fragilidade, angústia, ou seja, é rodeada de concepções falsas, temores, crenças e mitos. A imagem que se tem da velhice, através de fontes históricas, varia de cultura em cultura, de tempo em tempo e de lugar em lugar. Esta imagem reafirma que não existe uma concepção única ou definitiva da velhice, mas sim concepções incertas, opostas e variadas através da história.

## **ENVELHECIMENTO**

O envelhecimento populacional é um fenômeno recente na história da humanidade, sendo acompanhado de significativas transformações demográficas, biológicas, sociais, econômicas e comportamentais. Em demografia, entende-se por envelhecimento populacional o processo de crescimento da população idosa conforme sua participação relativa no total da população. Desse modo, um dos indicadores que melhor avaliam o envelhecimento demográfico é a razão entre a população idosa e a população jovem, ou seja, a proporção de pessoas de 60 anos ou mais por 100 pessoas de 0 a 14 anos e adquire maneiras e ritmos diferenciados para cada pessoa, país, costume, região (REZENDE, 2008).

Segundo Rodrigues e Soares (2006) a abordagem do conceito do envelhecimento inclui a análise dos aspectos culturais, políticos e econômicos, valores, preconceitos e símbolos que atravessam a história das sociedades, por isso é um processo contínuo.

Ainda é preciso ver o processo de envelhecimento como uma fase normal e produtiva do ser humano, na qual a pessoa pode ter ganhos e perdas. Os ganhos, nem sempre realçados nesta etapa, podem permitir que as perdas não fiquem tão evidentes, mobilizando o sujeito em processo de envelhecimento buscar um novo sentido nesta etapa do curso da vida (RODRIGUES; SOARES, 2006).

Conforme Hoyer e Roodin (2003), a idade cronológica, que quantifica a passagem do tempo decorrido em dias, meses e anos desde o nascimento, é um dos meios mais usuais e simples de se obter informações sobre uma pessoa. A idade biológica é definida pelas alterações corporais e mentais que ocorrem ao longo do processo de desenvolvimento e caracterizam o processo de envelhecimento humano. Já a idade social, ainda segundo Hoyer e Roodin (2003), é definida através de hábitos e status social para o preenchimento de papéis sociais. Os autores ainda definem a idade psicológica como sendo o conjunto de habilidades às quais os indivíduos se adaptam ao meio. Também pode ser definida pelos padrões de comportamento adquiridos ao longo da vida. Entende-se, então, que o envelhecimento é resultado de uma construção sócio-histórica experimentada pelo indivíduo durante toda a vida.

O Quadro 01 apresenta a definição e, conseqüentemente, a evolução/transformação do conceito de envelhecimento nos últimos 40 anos. Após o ano de 2008, não foram encontradas novas definições sobre o conceito de envelhecimento.

**Quadro 01 – Definições de envelhecimento ao longo do tempo (1959-2008)**

<b>ENVELHECIMENTO</b>		
<b>ANO</b>	<b>AUTOR</b>	<b>CONCEITO</b>
<b>1959</b>	WOLTERECK	[...] “todas as transformações que ocorrem em todos os organismos no curso do seu desenvolvimento normal e nas diferentes formas de atividades que o acompanham. [...] o termo envelhecimento abrange toda a vida, desde o nascimento até a morte, e é usado para descrever uma sequência cronológica ou um período definido de tempo” (WOLTERECK, 1959, p. 05).
<b>1975</b>	AMÂNCIO; CAVALCANTI	“O envelhecimento representa uma etapa do desenvolvimento individual, cuja característica principal é a acentuada perda da capacidade de adaptação” (AMÂNCIO; CAVALCANTI, 1975, p. 01).
<b>1989</b>	MAGALHÃES	“Em cada sociedade e na mesma sociedade, em momentos históricos diferentes, a velhice e o envelhecimento ganham especificidades, papéis e significados distintos em função do meio ser rural ou urbano, da classe social, do grupo profissional e de parentesco, da cultura, da ideologia dominante, do poder econômico e político que influenciam o ciclo de vida e o percurso de cada indivíduo, do nascimento à morte” (MAGALHÃES, 1989, p. 13).

1995	FRAIMAN	“O envelhecer não é somente um ‘momento’ na vida de um indivíduo, mas um ‘processo’ extremamente complexo e pouco conhecido, com implicações tanto para quem o vivencia como para a sociedade que o suporta ou assiste a ele” (FRAIMAN, 1995, p. 19).
1996	BOBBIO	“O envelhecimento é um fenômeno natural, complexo, pluridimensional, revestido por perdas e aquisições individuais e coletivas. A velhice, última etapa desse processo, não é uma cisão em relação à vida precedente, mas uma continuação da juventude, da maturidade que podem ter sido vividas de diversas maneiras” (BOBBIO 1996, p. 25).
1996	HAYFLICK	“O envelhecimento não é a simples passagem do tempo, mas as manifestações biológicas que ocorrem no organismo durante o transcorrer deste espaço temporal”. O envelhecimento cronológico é apenas uma convenção, não existindo nenhuma influência do tempo sobre o organismo (HAYFLICK, 1996, p.04).  (Continua)
1997	BRÊTAS	“O envelhecimento é um fenômeno natural, com início no período da fecundação e término com a morte. O processo de envelhecimento é entendido como o processo de vida, que contém a fase da velhice, mas não se esgota nela. [...] “O processo de envelhecimento contém a fase da velhice, mas não somente ela, visto que a qualidade de vida e o próprio processo de envelhecimento se encontra ligado aos fatores sociais e econômicos” (BRÊTAS, 2006).
1998	LANGEVIN	O envelhecimento é “uma construção feita de passagens obrigatórias, que delimitam e orientam a dinâmica do processo” (LANGEVIN, 1998. p. 14).
1998	COSTA	“Envelhecimento: processo evolutivo, um ato contínuo, isto é, sem interrupção, que acontece a partir do nascimento do indivíduo até o momento de sua morte [...] é o processo constante de transformação” (COSTA, 1998, p.26).
1999	NERI; CACHIONE	“O modo de envelhecer depende de como o curso de vida de cada pessoa, grupo etário e geração é estruturado pela influência constante e interativa de suas circunstâncias histórico-culturais, da incidência de diferentes patologias durante o processo de desenvolvimento e envelhecimento, de fatores genéticos e do ambiente ecológico” (NERI; CACHIONE, 1999, p. 121).
1999	ERMINDA	O envelhecimento se configura como um "processo de diminuição orgânica e funcional, não decorrente de doença, acontecendo inevitavelmente com o passar do tempo" (ERMINDA, 1999, p. 43).
2001	BIRREN; SCHROOTS (1996 apud NERI, 2001)	SCHAIE; O envelhecimento é “um fenômeno universal, que atinge a todos os seres humanos pós-reprodutivos, por força de mecanismos genéticos típicos da espécie. É progressivo, ou seja, afeta gradual ou acumulativamente todo o organismo, sendo, portanto, um processo fisiológico” (NERI, 2001, p. 32).
2002	PAPALÉO NETTO	“[...] O envelhecimento é um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, funcionais, bioquímicas e psicológicas que determinam perda da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos que terminam por levá-lo à morte” (PAPALÉO NETTO, 2002, p. 10).

2002	UCHÔA et al.	“Envelhecimento não é um processo homogêneo. Cada pessoa vivencia esta fase da vida de forma diferente, considerando sua história particular e todos os aspectos estruturais relacionados à vida dela: classe social, gênero, etnia” (UCHÔA et al., 2002, p. 14).
2004	COLL et al.	O envelhecimento “caracteriza-se pelas mudanças morfológicas e funcionais resultantes das transformações a que o organismo se submete ao longo da vida” (COLL et al., 2004, p. 372).
2004	BRITO; LITVOC	“O envelhecimento é um fenômeno que atinge todos os seres humanos, sendo caracterizado como um processo dinâmico, progressivo e irreversível, ligados intimamente a fatores biológicos, psíquicos e sociais” (BRITO; LITVOC, 2004, p. 82).
2005	KERTZMAN	“O envelhecimento é um processo que inscreve na temporalidade do indivíduo, do início ao fim da vida, processo este composto por perdas e ganhos [...]” (KERTZMAN, 2005, p. 34).
2005	ARGIMON; STEIN	“O envelhecimento é um processo em que, para cada pessoa, as mudanças físicas, comportamentais e sociais desenvolvem-se em ritmos diferentes, sendo a idade cronológica apenas um dos aspectos, entre outros, que podem ou não afetar o bem-estar do idoso” (ARGIMON; STEIN, 2005, p. 71).
		(Continua)
2007	SOUZA et al.	Conceitua o envelhecimento como “um processo dinâmico e progressivo, no qual há modificações morfológicas, fisiológicas, bioquímicas e psicológicas, que determinam perda progressiva da capacidade de adaptação do indivíduo ao meio ambiente, ocasionando maior vulnerabilidade e maior incidência de processos patológicos, que terminam por levá-lo à morte” (SOUZA et al.; 2007, p. 12).
2007	SALGADO	O envelhecimento é “um processo multidimensional que resulta da interação de fatores biológicos, psicoemocionais e socioculturais. Executando a razão biológica que tem caráter processual e universal, os demais fatores são composições individuais e sociais, resultado de visões e oportunidades que cada sociedade atribui aos seus idosos”. “O envelhecimento também pode ser uma consequência da nossa sociedade, e que, além dos fatores biológico, cronológico e psicológico, o meio e as condições em que se vive influenciam no processo de envelhecimento e na forma com que se chega à velhice. Assim, o processo de envelhecimento é influenciado também pela sociedade e pelo indivíduo” (SALGADO, 2007, p. 68).
2008	DUARTE	O envelhecimento é um processo natural de todo o ser humano, e apresenta as seguintes características: “[...] é universal, por ser natural, não depende da vontade do indivíduo, todo ser nasce, desenvolve-se, cresce, envelhece e morre. É irreversível, apesar de todo o avanço da medicina [...] nada impede o inexorável fenômeno, nem o faz reverter” (DUARTE, 2008).
2008	SCHNEIDER; IRIGARAY	“O envelhecimento possui determinantes intrínsecos e extrínsecos, apresentando uma complexidade de variáveis relacionadas aos aspectos biológicos, psicológicos, intelectuais, sociais, econômicos e funcionais. Não é algo determinado pela idade cronológica, mas é consequência das experiências passadas, da forma como se vive e se administra a própria vida no presente e de expectativas futuras. É uma integração entre as vivências pessoais e o contexto social e cultural em determinada época” (SCHNEIDER; IRIGARAY, 2008, p. 586).

2008	ARALDI	“Para entender o processo de envelhecimento é necessário ter uma compreensão da totalidade e da complexidade do ser humano, pois cada aspecto seja biológico, cultural ou social não estão desconectados” (ARALDI, 2008, p. 16).
------	--------	--

FONTE: A autora, 2017.

Considerando os autores citados no Quadro 01, existem poucas variações conceituais sobre o processo de envelhecer, seja nas dimensões biológica, psicológica, cronológica ou social. Dessa forma, vê-se que o envelhecimento é um fator biológico, natural da vida, constituindo um processo complexo e dinâmico que ocorre das mais variadas formas a partir do modo de vida dos indivíduos, com mudanças morfológicas e funcionais que variam de indivíduo para indivíduo e, principalmente, a visão individual e social sobre o processo de envelhecer.

Portanto, à medida que se compreende o processo de envelhecimento, propõe-se a conhecer as definições e conceitos acerca da velhice, segundo diferentes estudiosos.

## **VELHICE: CONSTRUÇÃO DO CONCEITO**

Definir a velhice, a princípio, parece simples. Porém, verifica-se que este tema é complexo, necessitando de aprofundamento em sua análise, que envolve várias dimensões da vida, quais sejam: biológica, psicológica, sociológica, econômica, cultural, dentre outras.

Observa-se que existem diferentes formas de se conceituar e definir a velhice. A Organização Mundial da Saúde - OMS (2005) tem uma definição baseada na idade cronológica, na qual a velhice tem início aos 65 anos nos países desenvolvidos e aos 60 anos nos países em desenvolvimento.

Alguns autores, tais como Debert (1998) e Bosi (1994), definiram o termo “velhice” como sendo a última etapa do ciclo da vida, independente de condições de saúde e hábitos de vida, podendo ser acompanhado de perdas psicomotoras, sociais e culturais. Outros autores, como Guimarães (1997) e Messy (1999), descreveram a velhice como sendo uma experiência subjetiva e cronológica, associada às perdas, decorrentes da trajetória individual, da forma de vida, da genética, de eventos biológicos e psicológicos, sociais e culturais. Ainda assim, não

se pode afirmar que na velhice ocorrem mais perdas do que ganhos, não sendo a velhice sinônimo de doença. Segundo Neri e Cachioni (1999), viver significa adaptação ou possibilidade de constante auto-regulação, tanto em termos biológicos, quanto psicológicos e sociais.

Verifica-se, de um modo geral, que a sociedade ainda enaltece as perdas, fortalecendo atitudes e comportamentos que configuram a velhice como sinônimo de pobreza, incapacidade, mendicância, doença. Um exemplo é a definição de Menezes (1999, p. 273):

“A questão básica e prioritária é perceber a velhice como uma etapa final natural da existência e, o velho, o protagonista principal, não necessariamente como coitado, um miserável, gerando sentimento de pena e de paternalismo por parte das pessoas. Não se trata também de supervalorizar e louvar o velho e a velhice, trata-se apenas, da sensibilidade de uma sociedade e, de uma ética de solidariedade em reconhecer que os valores singulares humanos não se encontram na potência, no vigor e na beleza física, mas sim, na dignidade humana” (MENEZES, 1999, p. 273).

Considera-se, conforme Groisman (1999), que o marco inicial da construção da categoria velhice remete ao ano de 1890, quando foi fundado no Rio de Janeiro o Asilo São Luiz para a velhice desamparada, e ao ano de 1909, quando surgiu, nessa mesma instituição, um pavilhão para os velhos não desamparados. A partir de então teve início uma separação da visão da velhice das noções de pobreza, desamparo e vadiagem, que existia desde a abolição da escravatura.

Em relação aos aspectos socioculturais, para Neri e Freire (2000), a velhice foi durante muito tempo considerada como um fenômeno relacionado ao desgaste do organismo. Ainda nos dias atuais, é considerada uma variação do processo de doença e decrepitude. Porém, de modo geral, entende-se a velhice como sendo um conjunto de fatores dinâmicos, em constante mudança, visto através de um contexto histórico e cultural, ligado a fatores psicológicos, genéticos, emocionais e sociais.

Deste modo, dar-se-á destaque às ideias de alguns autores sobre essa questão. Verificou-se que impera a visão do envelhecimento no aspecto biológico, trazendo consequências no nível individual. Vieira (1996) e Lopes (2000) abordaram a velhice nessa perspectiva. Segundo esses autores, os processos de envelhecimento têm início a partir da concepção, sendo a velhice então definida como um processo “dinâmico e progressivo”, onde

ocorrem modificações morfológicas, funcionais e bioquímicas, e psicológicas, que determinam a perda progressiva das capacidades de adaptação ao meio ambiente, acarretando maior vulnerabilidade e maior incidência de doenças. De Masi (2000) afirma que a velhice envolve os últimos dois ou três anos que antecedem a morte, sendo marcados por inabilidades física e psíquica.

Portanto, vê-se que a velhice é apenas um momento específico dentro do processo de envelhecimento, sendo caracterizado pela redução do funcionamento de diversas funções orgânicas. O envelhecimento é considerado como sendo um processo no qual estão envolvidas as imagens da vida percebidas desde o nascimento.

Percebeu-se que não há detalhes suficientes para definir todos os aspectos que envolvem a velhice, o que contribui para a disseminação dos preconceitos já enraizados sobre a mesma. A partir deste contexto, este estudo destacou alguns autores e suas respectivas conceituações, reflexões e interpretações, como forma de realizar uma análise comparativa sobre estes conceitos e sua evolução.

Beauvoir (1970) foi uma das primeiras estudiosas na década de 1970 a perceber a dificuldade em se definir os conceitos sobre a velhice, antecipando mudanças que viriam a ocorrer algumas décadas depois. Caracterizando a velhice como uma instituição social, e não somente como uma condição biológica. Ela deu destaque à velhice através da história, situando-a nas diversas sociedades e culturas. Para a autora, é necessário contextualizar a velhice. Beauvoir (1990) considerou que o momento inicial da velhice varia conforme épocas e lugares, não podendo este fenômeno ser compreendido, senão através da sua totalidade, através de aspectos biopsicossociais.

Partindo-se destas definições, entendeu-se que a velhice, embora marcada por alterações físicas, deve ser considerada através de fatores sociais, culturais, psicológicos, econômicos e dentre outros. Neste sentido, pode-se afirmar que o conceito de velhice é uma construção social complexa, indiretamente ligada ao tempo cronológico de vida e/ou às alterações físicas e psicológicas pelas quais os indivíduos adquirem ao longo de toda a sua existência. Além de ser uma construção social, uma produção histórica, assim como os outros tempos da vida, como infância e adolescência, o significado de velhice varia conforme cada

sociedade e em cada tempo histórico. Em nossa sociedade contemporânea vive-se o desejo de almejar uma vida mais longa ao mesmo tempo em que se recusa as marcas do envelhecimento e da velhice. (BOIS, 1994; ORDA, 1995 apud ALVES JÚNIOR, 2004).

Verificou-se, conforme destacado por Dias (1998), que existem algumas diferenciações em torno destes conceitos, visto que o envelhecimento é percebido como processo, enquanto a velhice é uma fase da vida, e que a pessoa idosa é o sujeito social que vivencia esse ciclo. O processo de envelhecimento é, na grande maioria das vezes, visto como uma mudança constante e dinâmica, acarretando transformações psicológicas, funcionais, morfológicas e bioquímicas, ressaltando as perdas, culminando com a morte.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A velhice, conforme verificado ao longo do estudo, sempre esteve presente na história das sociedades, sejam elas primitivas ou modernas, em maior ou menor grau. Seus conceitos e definições foram criados a cada passo da evolução social, transformando-se conforme épocas distintas. Dessa forma, através das alterações nas formas de entendimento dos estudiosos e teóricos do assunto, verificou-se que não há um consenso, nem na definição do limite inicial da velhice, nem na compreensão dos conceitos. Ao longo da história a velhice foi sendo modificada e construída, desde a decadência, doença e morte, assim como a imagem de deuses, com saberes e poderes adquiridos com a maturidade. Em algumas sociedades a velhice era entendida ocupando um lugar de respeito e sabedoria. A velhice era enaltecida, sendo a memória e sabedoria rotuladas como riquezas. O velho, então, era detentor do poder e do saber.

Percebeu-se alguns conceitos contraditórios acerca da velhice. O primeiro descreveu o processo de envelhecimento como uma época nebulosa, decadente, com temores recorrentes da morte, de doenças, finalizando com o afastamento do indivíduo do meio social, em sua fase final de vida. Já o segundo conceito destacou esta fase como uma fase de descanso, de aproveitamento do tempo, de novas aprendizagens. Observou-se, também, que o processo de

envelhecimento contribuiu para o surgimento de modificações biológicas, psicológicas e sociais; porém, é na velhice que essas modificações se tornam mais evidentes.

Com o passar do tempo, alguns valores se transformaram, emergindo uma cultura individualista onde a pessoa idosa, responsável pela transmissão de valores, reprodutor da vida e produtor de riquezas, não mais tinha valor, tendo sua imagem associada à inutilidade. A partir deste momento, a imagem da velhice sofreu uma transformação que perdura na atualidade.

Baseado nessas observações, compreendeu-se que é inviável a análise dos conceitos da velhice apenas utilizando os aspectos biológicos, visto que vários fatores contribuíram para a construção do conceito e de sua abrangência. As diversas conceituações entendidas como velhice, a consideram como um estado, enquanto que o envelhecimento é visto como um processo.

A partir dos vários conceitos citados ao longo deste trabalho, entendeu-se que a construção do conceito acerca da velhice é complexo, tendo em vista os inúmeros aspectos históricos, culturais e psicossociais. Verificou-se que é praticamente impossível demarcar o conceito de velhice, principalmente devido às contínuas transformações da história e seus significados. Deste modo, deve-se ressaltar que o conceito de velhice perpassa a questão cronológica, considerando-se os diversos momentos históricos das diferentes sociedades em relação aos aspectos sociais, econômicos, culturais e políticos, determinantes na compreensão da velhice e do processo de envelhecimento.

Portanto, ainda que seja impossível conceituar a velhice, visto que ela assume grande variedade de aspectos, inseparáveis uns dos outros; pode-se compreendê-la como fenômeno universal, enquanto parte do processo de desenvolvimento humano, assim como uma realidade individual, onde os atributos pessoais e a influência do meio são decisivos no processo de envelhecer. Finalmente, pode-se concluir que o conceito “velhice” foi socialmente construído, podendo ser considerado uma invenção social.

## **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

ALMEIDA, J. A. M. **Sobre a Anamorfose: identidade e emancipação na velhice.** 2005. 251 f. Tese (Doutorado em Psicologia Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São

Paulo, 2005. Disponível em:<<https://sapientia.pucsp.br/handle/handle/17083>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ALVES JÚNIOR, E. D. Procurando superar a modelização de um modo de envelhecer. **Movimento**, Porto Alegre, v. 10, n. 2, p. 57-71, mai-ago. 2004. Disponível em:<[www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/2840/1453](http://www.seer.ufrgs.br/Movimento/article/download/2840/1453)>. Acesso em: 02 fev. 2017.

ARALDI, M. **A descoberta de projetos de vida**: contribuição do projeto idoso empreendedor no processo de envelhecimento. 2008. 87f. Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Serviço Social) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2008. Disponível em:<<https://repositorio.ufsc.br/bitstream/handle/123456789/119616/284802.pdf?sequence=1&isAllowed=y>>. Acesso em: 23 abr. 2018.

ARGIMON, I. L.; STEIN, L. M. Habilidades cognitivas em indivíduos muito idosos: um estudo longitudinal. **Cadernos de Saúde Pública**, v. 21, n. 1, p. 64-72. 2005. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/csp/v21n1/08.pdf>>. Acesso em: 05 mar. 2017.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Trad. Dora Flaksman. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.

ATTIAS-DONFUT, C. **Génération et âges de la vie**. Paris: PUF, 1991.

BACON, F. History of life and death. In: SPEDDING, J.; LESLIE, R.; HEATH, D. D. (Org.). **The works of Francis Bacon**. Stuttgart/Bad-Cannstatt: Frommann/Holzboog, v. 2, p. 91-226. 1963.

BEAUVOIR, S. **A velhice** (Martins, M. H. S., Trad.). Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1970/1990.

BERTOLDO, L. M. **O envelhecimento no contexto atual**. 2010. 84f. Dissertação (Mestrado em Educação nas Ciências) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Ijuí, 2010. Disponível em:<<http://bibliodigital.unijui.edu.br:8080/xmlui/handle/123456789/303>>. Acesso em: 25 mai. 2017.

BOBBIO, N. **De senectute**. Einaudi. Torino: Einaudi, 1996.

BORGES, M. B. O. **Envelhecimento Humano**: Aspectos históricos e sociais. 2007. 80 f. Monografia (Graduação em Psicologia) – Faculdade de ciências da saúde, Brasília, 2007. Disponível em:< <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/123456789/2991/2/20262462.pdf>>. Acesso em: 25 abr. 2018.

BOSI, E. **Memória e Sociedade: Lembranças de Velhos**. 3. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

BRÊTAS, A. C. P. **Enfermagem e Saúde do Adulto**. Barueri: Manole, 2006.

- BRITO, F. C.; LITVOC, J. Conceitos básicos. In: BRITO, F. C.; LITVOC, J (Org.). **Envelhecimento: prevenção e promoção de saúde**. São Paulo: Atheneu, 2004.
- BUSSE, E. W.; BLAZER, D. G. **O Mito, História e Ciência do Envelhecimento**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1992.
- COLL, C., MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento Psicológico e Educação**. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- COSTA, E. M. S. **Gerontodrama: a velhice em cena: estudos clínicos e psicodramáticos sobre o envelhecimento e a terceira idade**. São Paulo: Agora, 1998.
- DE MASI, D. **A sociedade pós-industrial**. 3. ed. São Paulo: Editora SENAC, 2000.
- DEBERT, G. G. **Velhice e sociedade**. Campinas: Papyrus, 1999.
- DEBERT, G. G. Pressupostos da reflexão antropológica sobre a velhice. In: DEBERT, G. G. (Org.). **Antropologia e velhice**. Campinas: IFCH/UNICAMP, 1998.
- DESCARTES, R. L'Homme. In: ADAM, C.; TANNERY, P. (Org.). **Oeuvres de Descartes**. Paris: Vrin, 1996.
- DIAS, A. C. G. Representações sobre a velhice: o ser velho e o estar na terceira idade, In: CASTRO, O. P. (Org.). **Velhice, que idade é esta?** Porto Alegre: Edit. Síntese Ltda, 1998.
- DUARTE, L. T. **Envelhecimento: processo biopsicossocial**. 2008. Trabalho de Conclusão de Curso Virtual (“Educación para el Envejecimento”) – TIEMPO (El portal de La psicogerontología). 2008. Disponível em: <<http://www.psiconet.com/tiempo/monografias/brasil.htm>>. Acesso em: 23 mar. 2017.
- ERMINDA, J. G. Processo de envelhecimento. In: COSTA, M. A. M. et al. (Org.). **O idoso: problemas e realidade**. Coimbra: Formasau, 1999.
- FERRIGNO, J. C. Uma visão histórica de família e velhice. **Revista A terceira Idade**, São Paulo, ano 4, n. 4, Jul. 1991. Disponível em: <[https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8022\\_U MA+VISAO+HISTORICA+DE+FAMILIA+E+VELHICE](https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8022_U MA+VISAO+HISTORICA+DE+FAMILIA+E+VELHICE)>. Acesso em: 24 abr. 2018.
- FRAIMAN, A. P. **Coisas da Idade**. São Paulo: Editora Gente, 1995.
- GROISMAN, D. **A infância do asilo: a institucionalização da velhice no Rio de Janeiro da virada do século**. 1999. 124f. Dissertação (Mestrado em Saúde Coletiva) - Instituto de Medicina Social da UFRJ, Rio de Janeiro, 1999. Disponível em: <<http://bases.bireme.br/cgi-bin/wxislind.exe/iah/online/?>>

IsisScript=iah/iah.xis&src=google&base=LILACS&lang=p&nextAction=lnk&exprSearch=254511&indexSearch=ID>. Acesso em: 24 abr. 2018.

GUIMARÃES, R. M. Ciência, tempo e vida. **Arquivos de Geriatria e Gerontologia**, v. 1, n. 1. 1997.

HAREVEN, T. Changing images of aging and the social construction of the life course. In: FEATHERSTONE, M.; WERNICK, A. (Org.). **Images of Aging: cultural representations of later life**. London: Routledge, 1995.

HAYFLICK, L. **Como e por que envelhecemos**. Rio de Janeiro: Campus, 1996. 366p.

HORN, V. Q. **A Imagem da velhice na contemporaneidade**. 2013. 37 f. Monografia (Graduação em Psicologia) - Universidade Regional do Noroeste do Estado do Rio Grande do Sul, Unijuí, 2013. Disponível em:<<https://pt.scribd.com/document/338892137/A-Imagem-Da-Velhice-Na-Contemporaneidade>>Acesso em: 24 abr. 2018.

HOYER, W. J.; ROODIN, P. A. **Adult development and aging**. New York: The McGraw-Hill. 2003. Disponível em:<[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000115&pid=S0103-166X200800040001300015&lng=en](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000115&pid=S0103-166X200800040001300015&lng=en)>. Acesso em: 02 mai. 2017

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. Rio de Janeiro, 2010. Disponível em:<[http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072010pidoso.shtml#sub\\_pesquisas](http://www.ibge.gov.br/home/presidencia/noticias/25072010pidoso.shtml#sub_pesquisas)>. Acesso em 12 jul. 2017.

KERTZMAN, O. F. Responsabilidade Social e Envelhecimento: o que as empresas têm a ver com isso? ... **A Terceira Idade**, São Paulo, v. 16, jun. 2005. Disponível em:<<https://www.sescsp.org.br/online/artigo/8532>>. Acesso em: 16 mai. 2017.

LANGEVIN, A. A construção social das idades: mulheres adultas de hoje e velhas de amanhã. **Caderno CRH**, Salvador, n. 29, p. 129-149, jul/dez. 1998. Disponível em:<<https://portalseer.ufba.br/index.php/crh/article/view/18696/12069>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

LEONE, E. T.; MAIA, G. A.; BALTAR, E. P. **Mudanças na composição das famílias e impacto sobre a redução da pobreza no Brasil**. Campinas: Economia e Sociedade, v19, p1, 2010

LEMONS, D.; PALHARES, F.; PINHEIRO, P. J. E.; LANDENBERGER, T. **Velhice**. Disponível em:<<http://www.ufrgs.br/e-psico/subjetivacao/tempo/velhice-texto.html>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

LOPES, A. **Os desafios da gerontologia no Brasil**. Campinas – SP: Alínea, 2000.

MAGALHÃES, D. N. **A invenção social da velhice**. Rio de Janeiro: Papagaio, 1989.

MENEZES, M. R. **Da Violência Revelada à Violência Silenciada: um estudo etnográfico sobre a violência doméstica contra o idoso**. 1999. Tese (Doutorado em Enfermagem) - Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto/USP, Ribeirão Preto, 1999. Disponível em:<[http://bdpi.usp.br/single.php?\\_id=001067004](http://bdpi.usp.br/single.php?_id=001067004)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

MESSY, J. **A pessoa idosa não existe: uma abordagem psicanalista da velhice**. Tradução de José de Souza e Mello Werneck. São Paulo: Aleph, 1999.

NERI, A. L. **Memória e sociedade: lembranças de velhos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2001.

NERI, A. L., CACHIONI, M. Velhice bem-sucedida e educação. In: Neri AL, Debert GG. **Velhice e sociedade**. São Paulo: Papyrus; 1999. p. 113-40.

NERI, A. L., FREIRE, S. A. **E por falar em boa velhice**. Campinas: Papyrus, 2000.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DE SAÚDE (OMS). **Envelhecimento ativo: um projeto de política de saúde**. Madrid: OMS, 2005.

PAPALÉO NETTO, M. **Gerontologia: a velhice e o envelhecimento em visão globalizada**. São Paulo: Atheneu, 2002.

PEIXOTO C. Entre o estigma e a compaixão e os termos classificatórios: velho, velhote, idoso, terceira idade. In: BARROS, M. M. L. (Org.). **Velhice ou terceira idade?** Rio de Janeiro: FGV; 1998.

REZENDE, C. B. **A Velhice na Família: estratégias de sobrevivência**. 2008. 156f. Dissertação (Mestrado em Serviço Social) - Universidade Estadual Paulista “Julio de Mesquita Filho”, Franca, 2008. Disponível em:<[http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane\\_Barbosa.pdf](http://www.franca.unesp.br/Home/Pos-graduacao/ServicoSocial/Dissertacoes/Cristiane_Barbosa.pdf)>. Acesso em: 24 abr. 2018.

RODRIGUES, L. de S.; SOARES, G. A. Velho, Idoso e Terceira Idade na Sociedade Contemporânea. **Revista Ágora**, Espírito Santo, n. 4. 2006. Disponível em:<[www.ufes.br/ppghis/agora/](http://www.ufes.br/ppghis/agora/)> Acesso em: 03 mai. 2017.

SALGADO, M. A. Os grupos e a ação pedagógica do trabalho social com idosos. **A terceira idade**, São Paulo, v. 18, n. 39. 2007. Disponível em:<<http://cev.org.br/biblioteca/os-grupos-e-acao-pedagogica-trabalho-social-com-idosos/>>. Acesso em: 24 abr. 2018.

SCHNEIDER, R. H.; IRIGARAY, T. Q. O envelhecimento na atualidade: Aspectos cronológicos, biológicos e sociais. **Estudos de Psicologia**, Campinas, ano 25, n. 4. 2008.

Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/estpsi/v25n4/a13v25n4.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018

SILVA, L. R. F. Da velhice à terceira idade: o percurso histórico das identidades atreladas ao processo de envelhecimento. **História, Ciências, Saúde**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 1, p.155-168. 2008. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/hcsm/v15n1/09.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018

SIMÕES, J. A. Velhice e espaço político. In: LINS DE BARROS, M. (Org.). **Velhice ou Terceira Idade? Estudos antropológicos sobre identidade, memória e política**. 2. ed. Rio de Janeiro: FGV, 1998.

SOUZA, J. A. V.; FREITAS, M. C.; QUEIROZ, T. A. Violência contra os idosos: análise documental. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 60 n. 3, p. 268-72, maio/jun. 2007. Disponível em:< <http://www.scielo.br/pdf/reben/v60n3/a04.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018

UCHÔA, E.; FIRMO, J.; LIMA-COSTA, M. F. F. Envelhecimento e Saúde: experiência e construção cultural. In: MINAYO, M. C S.; COIMBRA JUNIOR, C. E. A. (Orgs.). **Antropologia, saúde e envelhecimento**. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2002.

VERAS, P.; CALDAS, C. P. Promovendo a saúde e a cidadania do idoso: o movimento das universidades da terceira idade. **Ciências e Saúde coletiva**, v. 9, n. 2, p. 423-432. 2004. Disponível em:<<http://www.scielo.br/pdf/%0D/csc/v9n2/20396.pdf>>. Acesso em: 24 abr. 2018

VERAS, Renato. Fórum envelhecimento populacional e as informações de saúde do PNAD: demandas e desafios contemporâneos. Rio de Janeiro: **Cad. Saúde pública**, 2007.

VIEIRA, E. B. **Manual de gerontologia**. Rio de Janeiro: Revinter, 1996.

WOLTERECK, H. **Vida Nova Para os Velhos**. Tradução de Shajanan Flora. São Paulo: IBRASA – Instituição Brasileira de Difusão Cultural S. A., 1959.